

D'Aquém e Além Rio Minho

<https://doi.org/10.21814/uminho.ed.138.1>

Acílio Estanqueiro Rocha

Era meu propósito não intervir neste Simpósio, e sim deambular e conversar com Colegas, Amigas e Amigos d'Além Minho, cuja amizade remonta ao século passado. Resolvi, perante a amável insistência do nosso Director do Departamento, confinar-me a esta saudação intitulada “D'Aquém e Além Rio Minho”, neste XII Simpósio subordinado ao tema “Identidade e Diferença”.

1. Apraz-me abrir as *Actas* do IV Simpósio Galaico-Minhoto, realizado nos idos de Novembro de 2002 na Faculdade de Filosofia da Universidade de Santiago de Compostela, sobre “*Galiza e Portugal: identidades e fronteiras*”, e recordar a conferência do saudoso Professor Lúcio Craveiro da Silva, intitulada “Galécia: o berço da Idade Média europeia”, a Região d'aquém e d'além do Rio Minho que corresponde ao território da actual Galiza, as Astúrias e o antigo Reino de Leão, junto com o Norte de Portugal, cuja cidade mais importante e capital histórica era Bracara Augusta, onde nos encontramos. A tese do antigo Reitor da Universidade do Minho é que a Galécia devia “possuir escolas de bom nível pois nelas se formaram, por exemplo, homens como [Paulo] Orósio”, Egéria, ou ainda Idácio; aliás, a sua importância fazia “confluir personalidades doutras regiões a estabelecer-se na própria Galécia”, e recorda “outra figura, importante embora polémica, que tornou a história cultural do Noroeste Peninsular presente não só na Ibéria mas com reflexos para lá dos Pirenéus, como foi Prisciliano (345-385)”, como, um pouco depois, “apareceu São Martinho de Dume ou de Braga que converte o rei Teodemiro (559-570), a sua corte e o povo suevo, até aí arianos, definitivamente ao cristianismo”. Eis a tese aí avançada pelo ilustre orador: “O programa de formação da Idade Média, e portanto, da Europa, realizou-se pela primeira vez de modo completo, na Galécia” (Craveiro da Silva 2003, pp. 341-346). Este exórdio, além de nos transportar para os primórdios da nossa Região, incita-nos a prosseguir.

Nessas *Actas* encontramos também o texto de José Luís Barreiro, “Aquén e alén Miño: identidades e fronteiras”, onde salienta excertos

de dois autores, situados duma e doutra banda do Rio: A. [Alfonso] R. Castelao, no *aquém*, e Da Cunha Leão, no *além* Minho. No primeiro caso, em *A Nossa Terra* (25/02/1920) – a “bíblia do galeguismo” – junto a um de seus célebres desenhos (que representa um velho sentado e um rapaz a seu lado, e que se intitula “Na beira do Minho”), e pergunta o rapaz: “E os da beira d’além são mais estrangeiros que os de Madrid?”. E entre parênteses lê-se: “Não se soube o que lhe respondeu o velho” (Barreiro 2003, p. 61).

D’Além Minho, escreve Francisco da Cunha Leão:

de uma e outra banda do Minho, na comum linguagem que os diferenciava dos mais, dois povos irmãos cantavam por igual, produzindo uma das mais intensas e formosas florações poéticas da Idade Média, impregnada do mesmo inconfundível fundo sentimental que, hoje como ontem, nos dois lados persiste; (Cunha Leão 1973, p. 57)

e prossegue destacando a lírica medieval, o fundo sentimental, a cosmovisão idêntica, a propensão panteística, e as possíveis rivalidades político-religiosas são meras querelas familiares (Barreiro 2003, p. 63).

No caso de Castelao, o silêncio acaba por ser “irónico e eloquente”, um “silêncio sonoro”, que Manuel Rodrigues Lapa, o ilustre filólogo português da Universidade de Lisboa, anos mais tarde, em 1932 (Hotel Méndez Húñez de Lugo), no acto de desagravo a Castelao pelo comentário jocoso e de mau gosto dum jornal de Madrid sobre a sua perda de vista, comenta:

um velhote da fronteira, à beira do Minho, conversa com um cachopo que lhe desfecha uma pergunta deveras impertinente: – *E os da banda d’alá, son mais extranxeiros que os de Madri?* O homem coça na cabeça, espantado da pergunta – os rapazes são o diabo! – E Castelao comenta entre parêntesis: (*Non se soupo o que lhe respondeu o velho*). A ironia é magistral e o mistério ainda a torna mais apetitosa, (...): porque um português de verdade não tem o direito nem o dever de se sentir na Galiza moralmente um estrangeiro (Barreiro 2003, pp. 64-65).

Aliás, quanto às relações de identidade histórico-cultural entre Galiza e o Norte de Portugal, Castelao, do exílio, manifesta que seria desejável que “se abrisse de par em par a fronteira minhota aos efeitos da língua, da cultura, da arte, e do espírito”, porque, como dissera antes sobre Madrid, “desde Lisboa não se vê nem se sente a necessidade de Galiza, porque tão-pouco está aí o berço de Portugal” (Castelao 1980, p. 335). O desejo de Castelao cumpriu-se, sim, mas sob a égide da União Europeia, denominada então Comunidade Económica Europeia, em 1986, aquando da integração de ambos os Estados – Portugal e Espanha.

2. Realizamos mais este Simpósio no Minho, a mais setentrional província de Portugal, formada pelos distritos de Braga e de Viana do Castelo, e que constituiu, nos primórdios da nacionalidade, o núcleo principal do Condado Portucalense. O Minho

estende-se desde a costa atlântica, presenteada por belas praias da Costa Verde, continuando por toda uma vasta área, que, paralelamente a um vigoroso relevo, é sulcado pelos rios Minho, Lima, Cávado e Ave – os de maior percurso e que desaguam no mar –, até ao maciço montanhoso a noroeste – o Parque Nacional do Peneda-Gerês. Aliás, condições geológicas, orográficas e climáticas favoráveis teceram não somente uma peculiar beleza dos vales que marginam os cursos de água, mas carregaram de verde extensos prados onde desponta uma flora riquíssima e variada – aí pontifica o pinheiro bravo ou marítimo (“*pinus pinaster*”) que protege os campos cultivados das areias dunares –, de uma flora ornamental policromática que transforma os vales minhotos em autênticos jardins para encanto do olhar, mas também dotaram esta Região de nascentes termais generosas e de águas mineromedicinais – todas elas procuradas – que a tornam uma das mais aprazíveis do País. Se a tudo isto juntarmos a tão vetusta e variada história do Minho, cujo povoamento remonta aos mais recuados tempos pré-históricos, constata-se que a riqueza paisagística, emoldurada por belos quadros da natureza, se alia a uma intensa memória histórica que está adornada de verdadeiras jóias arquitectónicas medievais (v.g., a Capela de São Frutuoso em Braga), de igrejas e capelas românicas, de pontes de fundação romana, de castelos, torres e panos de muralhas.

A situação geográfica, a benignidade do clima, a densidade populacional – é uma das regiões demograficamente mais jovens da União Europeia –, estimularam um acentuado dinamismo empresarial, mormente na média e pequena empresa, predominando a actividade industrial nos vales do Ave e Cávado, a actividade comercial nas principais cidades e vilas, a agricultura um pouco por todo o lado – alguém escreveu que “só não é cultivado o espinhaço das serras” –, sendo a cultura da vinha uma tradição acarinhada e o famoso e apreciado “vinho verde” procurado para acompanhar a variegada gastronomia minhota – tão rica ela é na sua mescla de sabores, que a consubstanciam em arte, cultura e tradição, na sua diferença e genuinidade. Todas estas peculiaridades se conjugaram para fazer ainda desta Região um magnífico tema literário, celebrado em todas as épocas e em todos os géneros da nossa literatura, em prosa e em verso.

3. Até 1986, dada a centralização operada pelos Estados, é claro que se desenvolvia a colaboração transfronteiriça, e o *Rio Minho* é “a mais antiga fronteira terrestre entre dois estados europeus”, na opinião de Jorge Gaspar, geógrafo lisboeta. Anteriormente à instauração da democracia, a cooperação entre fronteiras também se fazia, mas às ocultas e informalmente: era o designado “contrabando” (hoje, diz-se pomposamente “economia paralela”) que a fronteira propiciava e de que os povos fronteiriços necessitavam para viver e sobreviver, em especial o comércio do gado e do café, de têxteis e de medicamentos, etc., já que de Lisboa ou de Madrid nada de aliciente lhes chegava.

A unidade vinha do Rio Minho, as diferenças nas duas bandas do Rio, originando medo e isolamento, com soldados e guarda nas margens a impedir quer a emigração quer as trocas comerciais transfronteiriças; todavia, para superar as diferenças, a união estava na organização d'*aquém* e d'*além* Minho, para impedir agressões,

prisões, multas, até mortes, que, “às mãos da natureza ou das autoridades, portuguesas ou espanholas, não eram raras”. Se homens e mulheres, adultos e crianças, arrostavam com o peso das cargas, a união estava na confiança recíproca das partes e num saber prático que se foi adquirindo com a experiência transmitida entre gerações, nas duas bandas, interdependentes, pois os “trabalhadores do contrabando”, em ambos os lados da fronteira, constituíam uma rede já complexa, em que cabia a cada um (chefe, fornecedor, cliente, transportador, informador e, até, vizinho) cumprir a sua parte, caso contrário “a cadeia rompia-se e a missão malograva” (cf. Gonçalves 2014, pp. 59-63).

É comumente salientada a identidade própria da Região do Minho, que a aproxima da Galiza nas múltiplas dimensões geográfica e etnográfica, mas desde logo na semelhança da língua (“o mais poderoso instrumento de assimilação”), que vem já da lírica trovadoresca, alicerçada numa história mais rica em encontros que em desencontros: *identidade* e *diferenças* são os lados da mesma moeda, são como as duas faces de Jano, e as afirmações de diferenças só fazem sentido se compreendidas na sua relação com as afirmações sobre a identidade.

As duas Regiões aproximam-se também – por vezes, esquece-se – pela *emigração*: a cultura do *Minho*, tal como a da *Galiza*, estão ambas presentes em vários continentes, o que mostra a força da sua impulsão. A diáspora foi um fenómeno que fez irradiar a projecção das culturas de ambos os lados do Rio Minho para Europa, as Américas (do Norte e do Sul) e um pouco por todo o mundo. As línguas, os costumes, as literaturas, as lendas, as formas artísticas, a gastronomia eram demasiado fortes para estarem contidas nas fronteiras do noroeste peninsular, indo, com as pessoas, para outros espaços e tornando o Minho e a Galiza presentes um pouco por todo o mundo (Estanqueiro Rocha 2014, pp. 20-22).

Outrossim, para além da emigração, em ambas as Regiões se vivia sob regimes ditatoriais: as perseguições políticas movidas num e outro Estado, mormente as devidas a razões ideológicas, provocaram fugas, êxodos e frequentes exílios políticos, numa ou outra direcção, mas alcançando acolhimento do outro lado fosse qual fosse a militância política antagónica, de liberais ou de absolutistas, de conservadores ou de progressistas. Esta, mais uma experiência imorredoura de como, face aos antagonismos e adversidades políticas, o Rio Minho unia e foi farol e refrigério de convívio e de pluralismo.

4. Por isso, e como já referi, a mutação mais relevante nas relações galaico-minhotas, aquela que permitiu o alargamento do território peninsular ao espaço europeu, foi sem dúvida o acesso de ambos os países à *democracia*, com todos os efeitos que este processo teve no conceito de *fronteira*; esta, com efeito, mudou de significado: as duas Regiões – uma de Portugal, a outra de Espanha –, contíguas no território e nas suas idiossincrasias, afins culturalmente na língua e nas tradições, usufruem actualmente de uma nova oportunidade política no âmbito da União Europeia, no quadro da Euroregião do noroeste peninsular. A Euroregião “Galiza – Norte de Portugal” possui na actualidade (dados de 2018) quase 6,3 milhões de habitantes, 11% da

população da Península Ibérica em 8,5 % do seu território (51.000 km²) e é uma das mais dinâmicas de toda a União Europeia, com forte incidência nos planos económico, cultural e científico.

Hoje, a *fronteira* já não opõe soberanias, nem separa os povos: a “fronteira” evoluiu até alcançar uma identidade e uma dimensão *cooperativa* das diferenças, que incidiram de forma extraordinária na melhoria das visões recíprocas e das possibilidades múltiplas de colaboração, abrindo esta aos vários âmbitos da sociedade civil. E entre os passos mais qualitativos efectuados no seio da União Europeia, para além da criação da moeda única, está a passagem dos “assalariados” a “cidadãos”, e a nova arquitectura da Europa das Regiões, que, não exigindo o concurso dos Estados, origina uma nova tipologia de soberania – que designo por *soberania complexa* (Estanqueiro Rocha 2019) –, qual estrutura complexa que, mediante processos de tomada de decisões partilhadas, baseadas na negociação permanente e em consenso, criaram esse poder exercido por toda a União, de modo multifuncional e numa relação multinível:

5. Foi já depois da adesão à Comunidade Económica Europeia que dois professores da Universidade do Minho (Outubro de 1987) rumaram ao Campus Sul da Universidade de Santiago de Compostela, à Faculdade de Filosofia (a viagem demorava então 4 horas ou mais, em cada direcção), e aí encontraram-se com a Professora Mercedes Torrejano, que eu conhecera um mês antes em Córdoba, na Argentina, no Congresso Internacional Extraordinário que celebrou o recomeço da democracia nesse País. Ela disse-me logo: estamos tão perto e afinal encontramos-nos ao longe: é indispensável uma colaboração estreita entre os nossos departamentos.

Ela, que não era galega, mas viu com bons olhos esta parceria, conduziu-nos junto de quem achava melhor para iniciar a colaboração entre *aquém* e *além* Minho, que veio proferir uma conferência, em 1988, nos Colóquios do Curso de Relações Internacionais, subordinados ao tema “A Moral e a Política”. De seguida, foi sem um plano pré-concebido, mas informalmente, sem uma direcção ou organização a superintender, que aos poucos se foi erigindo e depois ampliando, mediante contactos e relações entre os membros dos dois departamentos (da Galiza e do Minho), e dos mais variados modos (aulas, conferências, júris de mestrado e de doutoramento, realização de simpósios¹, etc.), e em diversas áreas específicas (mormente em tópicos de filosofia

1 São estes os *Simpósios Lusó-Galaicos de Filosofia*, realizados até ao momento, ora na Galiza, ora no Minho, com as respectivas actas publicadas (em livros ou revistas):

I – *Pensar a Europa*, 10 Dezembro 1999, Campus de Gualtar, Universidade do Minho, Braga;

II – *Europa: Mito e Razão*, 26-27 Outubro 2000, Campus Sul, Universidade de Santiago de Compostela;

III – *Justiça, Poder e Cidadania*, 30 Novembro 2001, Campus de Gualtar, Universidade do Minho, Braga;

IV – *Galiza-Portugal: Miradas Cruzadas*, 28-29 Novembro 2002, Campus Sul, Universidade de Santiago de Compostela;

V – *Europa, Cidadania e Multiculturalismo*, 7-8 Maio 2004, Casa Museu de Monção da Universidade do Minho;

VI – *Desafios do Século XXI*, 11-12 Novembro 2005, Galeria Sargadelos, Santiago de Compostela;

VII – *O Papel dos Intelectuais*, 27-28 Abril 2007, Campus de Gualtar, Universidade do Minho, Braga;

VIII – *Razão Ecológica*, 11-12 Junho 2009, Faculdade de Filosofia, Praça de Mazarelos, Universidade de Santiago de Compostela;

IX – *A Filosofia na Academia*, 28-29 Outubro de 2011, Campus de Gualtar, Universidade do Minho.

moderna e contemporânea, no pensamento de matriz galega e minhota, espanhola e portuguesa), até hoje – já lá vão 33 anos –, em que de novo nos juntamos no XIIº Simpósio, onde, com alegria e a maior satisfação, augurando a maior proficuidade nos trabalhos que se vão seguir, os Colegas d'*aquém* Minho saúdam e desejam uma ótima estadia aos/às Colegas e amigos/as d'*além* Minho.

Obrigado pela Vossa Atenção.

Referências

- Barreiro, J. L. (2003). Aquén e Alén Miño: identidades e fronteiras, in *Galiza e Portugal: identidades e fronteiras*, Actas do IV Simpósio (28-29 Novembro 2002) (pp. 55-82). Universidade de Santiago de Compostela.
- Castelao, A. R. (1980). *Sempre en Galiza*. Vol. III (3.ª ed.). Akal.
- Craveiro da Silva, L. (2003). Galécia: o berço da Idade Média europeia, in M. X. A. Romero y N. Rodríguez Rial (eds.), *Galiza e Portugal: identidades e fronteiras*, Actas do IV Simpósio (28-29 Novembro 2002) (pp. 341-346). Universidade de Santiago de Compostela.
- Cunha Leão, F. da (1973). *O Enigma Português* (2.ª ed.). Guimarães Editores.
- Estanqueiro Rocha, A. da Silva (2014). Opos artificem probat, in J. V. Capela (coord.), *Monção entre muralhas, com tantas portas quantos os sentidos* (pp. 19-26). Casa Museu de Monção / Universidade do Minho.
- Estanqueiro Rocha, A. da Silva (2019). Europeism and 'Complex Sovereignty'. *International Journal of Philosophy & Social Values*, 2 (1): 13-30.
- Gonçalves, A. (2014). Entre margens: o contrabando no Vale do Minho, in J. V. Capela (coord.), *Monção entre muralhas, com tantas portas quantos os sentidos* (pp. 59-63). Casa Museu de Monção / Universidade do Minho.

X – *O Discurso Filosófico: da poética à política*, 13-14 Novembro 2013; Faculdade de Filosofia, Praça de Mazarelos, Universidade de Santiago de Compostela;

XI – *Pensando as Crises (séculos XX-XXI) desde a Cultura Galaico-Minhota*, 13-14 Março 2015, Colégio Dom Diogo de Sousa, Braga;

XII – *Identidade e Diferença*, 29-30 Junho 2023, Campus de Gualtar, Universidade do Minho.